

Então.

Era o ano de 1980. E em Angola estava acontecendo o Projeto Kalunga. Que, em síntese, era o seguinte: um grupo de artistas brasileiros, o maior que já se reuniu aqui, ia para Luanda numa mostra de solidariedade ao povo que havia lutado e conquistado sua independência.

Então.

Era o último show num lugar chamado Plaza de Toros. Artistas brasileiros e angolanos se apresentavam juntos. Aí estavam Caymmi, Djavan, Chico ao lado de Valdemar, Felipe Mukenga etc.

O show estava terminando, caía a noite. O pessoal ia se arrumando para o número final, subindo todos para o palco, cantando Cio da Terra. Eu estava ali no meio da praça, na mesa de som. Tudo terminado, eu me debrucei sobre a mesa, a cabeça escondida entre os braços e não pude conter a emoção. Senti os olhos molhados. Percebi que uma mão me tocava os ombros. Olhei, era o Chico. Que me abraçou, encostava sua cabeça na minha e dizia: "Você conseguiu, Baixinho". Eu pensei: a pessoa do verbo estava errada. Não era "você conseguiu". Teria de ser "nós conseguimos". Porque a primeira idéia foi dele (embora o nome Kalunga tivesse sido dado por mim) e seu nome tenha sido usado para puxar todos os artistas.

Então.

Um dia eu passei na casa dele, Chico, Alto da Gávea. Ele estudava clarineta e se dizia não o Abel Ferreira, o Caim. Um tempo se passou e eu disse: "Estou indo na Clínica São Vicente ver como está o Vina [Vinícius de Moraes]". Ele disse: "Eu vou junto". O Vinícius tinha chegado da Itália e estava com aqueles problemas todos decorrentes

da isquemia. Gilda Matoso, sua última mulher, estava ao lado da cama e anunciou: "Vina, o Chico está aqui". Chico apertou a mão do poeta, então ela falou: "Quem está aqui também é o Baixinho". Vinícius voltou a cabeça para meu lado, eu segurei sua mão e ele disse: "Filho da puta, pensei que não vinha me ver". Aí chegou a enfermeira e ele na confusão da doença começou a dizer que ela era bonita que queria ver suas pernas etc.

Saímos. No corredor lembro de ter dito ao Chico: "Baixo, acho que perdemos o Vina".

Então.

Tanta coisa mais eu lembro. Do Vinícius, do Toquinho, do Paulinho, do Martinho, do Ciro, do Jorge Veiga, da Clara – tanta. De tantos.

Então.

Quero dizer que não sou nem de longe um historiador – talvez seja uma testemunha, talvez tenha visto e participado de muita coisa. Talvez. Mas, sobretudo, fui amigo de todos eles. Sou amigo. Não guardo datas nem vejo coisas com a precisão de um cientista. Mas tenho uma idéia, um rascunho de tudo. Estremeço ao pensar.

Então.

Fernando Faro

Diretor e Criador dos Programas